

PSICOSE: UMA META-ANÁLISE PSICANALÍTICA SOBRE A SÉRIE BATES MOTEL

PSYCHOSIS: A PSYCHOANALYTICAL META-ANALYSIS ON THE BATES MOTEL SERIES

DOI: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v11.e2.a2023.pp2002-2010> Recebido em: 11.07.2023 | Aceito em: 25.07.2023

*Polyana Fernandes Valdevino da Silva^a, Juciany Karoline Soares de Azevedo Silva, Jéssyca
Alana Oliveira Pereira^b, Quezia Menezes da Paz^b*

Faculdade dos Palmares – FAP, Palmares – PE, Brasil^a

Universidade Católica de Pernambuco^b

**E-mail: polyanafernandes@faculdadedospalmares.com.br*

RESUMO

Existem várias hipóteses que tentam interpretar as causas do desencadeamento da Psicose; o que se sabe, porém, é que esta é uma forma de sofrimento psíquico, que resulta em vários sintomas como alucinações e delírios e que segundo Lacan (2008) está atrelado ao fracasso no rompimento com as relações parentais. Sendo assim, o presente trabalho busca, a partir dos estudos psicanalíticos, entender as características e a própria constituição do sujeito psicótico. Para isso, foram realizadas revisões bibliográficas, na busca por unir teorias e compreender quais aspectos da relação mãe-filho podem ser vistos como precursores para o surgimento do transtorno. Utilizou-se assim da série de TV norte americana Bates Motel, relacionando o histórico de vida dos personagens aos pressupostos psicanalíticos. Desta maneira, a pesquisa propõe-se a contribuir de modo pessoal, social e acadêmico, visto que, apesar dos vários estudos sobre a temática, ainda há grande incerteza social sobre o assunto, além de que, sendo trazido a partir de uma série televisiva, poderá atingir a sociedade de maneira mais compreensível, fazendo-se entender o contexto não só da psicose, como também da própria psicanálise. Observando as teorias psicanalíticas junto à série analisada, foi perceptível a influência que as relações parentais têm diante da constituição psíquica do sujeito, porém, é preciso ir além, buscando compreender que cada indivíduo carrega consigo suas próprias questões e que diante disso, foi preciso perceber a demanda dos personagens Norma e Norman Bates.

Palavras-chave: Psicanálise. Psicose. Constituição subjetiva.

ABSTRACT

There are several hypotheses that try to interpret the causes of outbreak of psychosis; What is known, however, is that this is a form of psychic suffering, resulting in various symptoms like hallucinations and delusions and that according to Lacan (2008) is related to the failure in the break-up with parental relations. Thus, the present work search, from the psychoanalytic studies, understand the features and the very Constitution of the subject. For that, revisions were made in the search for bibliographic unite theories and understand which aspects of the mother-child relationship can be seen as precursors to the emergence of the disorder. So was American TV series Bates Motel, relating the life history of the characters to the psychoanalytic assumptions. In this way, the research proposes to contribute to personal, social and academic mode, since, despite several studies on the subject, there is still great uncertainty about the social subject, besides, being brought from a cinematic vision, you can reach the company more understandable, understand the context not only of psychosis, as well as the own psychoanalysis. Joining the history of psychosis, with the psychoanalytic theories and the series analyzed, it was noticeable the influence that parental relations have on the psychic Constitution of the subject, however, it is necessary to go beyond seeking to understand that each individual carries with it its own issues and that given this, it was necessary to understand the demand of the Standard characters and Norman Bates.

Keywords: Psychoanalysis. Psychosis. Subjective Constitution.

INTRODUÇÃO

Respaldo-me na temática “Psicose: Uma Meta-análise Psicanalítica sobre a série Bates Motel” (grifo do autor), o presente trabalho buscou, a partir de teorias psicanalíticas, fazer uma (re)leitura sobre os aspectos psíquicos desencadeadores da Psicose, atrelando estes a Meta-análise da série de TV norte-americana, Bates Motel. A problemática da pesquisa esteve voltada à compreender e responder a seguinte indagação: Qual a influência da relação materna na construção da estrutura dos sujeitos?

Ao longo do tempo, vários estudos se voltaram para buscar compreender esse transtorno; sendo alguns deles realizados por psicanalistas, como Melaine Klein, Bion e Lacan. Dentro da leitura psicanalítica, Lacan é quem mais se aproxima dos conceitos de psicose, bem como, em sua releitura a obra de Freud, evidencia a estrutura psicótica e seus estudos. Freud, por outro lado, apesar de não negar tal transtorno, manteve-se distante dessa temática, interessando-se segundo Lacan (2008) por tudo que era denominado de paranoia.

Para Lima Filho (2012), Lacan acredita que a mãe é a responsável pela introdução da linguagem na vida do bebê (através do desejo e das nomeações), inserindo o sujeito no campo da linguagem. Vale ressaltar que, nos primeiros momentos de vida, a criança entende que seu corpo é uma extensão do da sua mãe, ou seja, o bebê não consegue se perceber como uma pessoa constituída, pois para ele não há uma separação; é como se de fato sua mãe fosse uma parte de sua própria estrutura física. É necessário, contudo, que o “nome-do-pai” entre para interditar essa relação e impor a lei, sendo este, um momento de suma importância na constituição subjetiva, pois só assim a criança consegue distinguir-se deste outro e perceber-se enquanto identidade. Em relação a estrutura psicótica é importante pontuar que a mãe e o bebê apresentam uma relação simbiótica, de modo que a mãe não autoriza a entrada do pai nessa relação, havendo com isso um fracasso na entrada do deste.

A metodologia do estudo foi realizada com base na pesquisa bibliográfica, a partir da leitura de livros, artigos, teses, dissertações e materiais da internet; além da própria revisão de literatura do tipo narrativa, com palavras-chave em banco de dados, na busca por melhores interpretações.

O trabalho realizou-se a partir de um caráter de pesquisa qualitativa (MINAYO; DESLANDES e GOMES 2009), voltando-se para o método indutivo (VIENA, 2007), pois foram levadas em consideração as hipóteses sobre a estrutura de personalidade do personagem. Nesta direção, a presente pesquisa teve como objetivo geral apresentar os aspectos psíquicos desencadeadores da psicose, realizando uma meta-análise da série Bates Motel, a fim de investigar o contexto da relação mãe-filho dos personagens principais e com base nisso fazer-se entender de modo mais claro as características do transtorno psicótico.

BATES MOTEL

Bates Motel possui características do enredo original do filme Psicose (1960) e foi lançado em 2013, apresentando ao todo cinco temporadas, com dez episódios cada. A série visa retratar a vida de Norman Bates, com o intuito de revelar o histórico deste personagem nos momentos que antecedem as cenas do filme.

Sobre o contexto da história, Norman, administrador do Motel Bates, enquadra-se enquanto personagem principal da trama, se mostrando bastante influenciado pelas escolhas e pelo comportamento protetor de sua mãe (Norma). Percebe-se a necessidade de destacar logo de início a eventual semelhança entre os nomes Norma e Norman, havendo apenas uma letra que os diferencia. Essa dificuldade em se desvincular, tal como podemos observar na nomeação de ambos e em especial no comportamento, é também caracterizada pela super proteção e constante necessidade em se ver como único objeto de afeto um do outro.

Além disso, se observada à composição dos nomes, é perceptível que Norman possui uma letra a mais na sua denominação, podendo ser interpretado como aquilo que falta à mãe, ou por assim dizer, o próprio falo dela. É compreendido assim que partir de seu filho, Norma cumpre o desejo de ser completa e consecutivamente não ser castrada.

Psicanalistas como Melaine Klein, Winnicott, Freud e Lacan levantaram discussões sobre o modo como as relações primevas ou o fracasso no rompimento destas podem resultar em um adoecimento mental, já nos primeiros anos de vida do sujeito. Comportamentos

incomuns a uma relação mãe-filho podem ser observados durante toda a trama, sendo percebido já na primeira cena, com a morte do pai do protagonista. Nesse momento, Norma não demonstra comoção diante do corpo do marido, interessando-se apenas pelo emocional de seu filho.

É preciso destacar que, por outro lado, as cenas que se remetem aos momentos anteriores deste acontecimento expressam agressões físicas e verbais desse marido para com ela, demonstrando ainda que esse comportamento influenciava de modo significativo não só na relação de Norman e Norma, mas também na maneira como essa criança era educada e se percebia nessa relação.

É importante ressaltar também, que esse é o período onde Norman, supostamente passa a vivenciar experiências de possíveis “apagões” (grifo nosso), sobre o qual, começa a esquecer situações e momentos que vivenciava. Freud (1930) pontua a ideia de Recalque ou Repressão, sendo estes um mecanismo de defesa onde o sujeito acaba por negar seu desejo, resguardando seus impulsos indesejáveis para fora da consciência ou bloqueando experiências traumáticas, de maneira inconsciente.

Esses “apagões”, de fato, vão sendo mais percebidos à medida que Norman deseja fazer algo que possivelmente desagradaria sua mãe, tentando de algum modo se desvincular desta relação ou até mesmo quando a própria Norma passa a se desgrudar dele, atravessando pelo sentimento de outras relações que passam a acontecer no contexto da série. Além disso, as cenas representam de forma clara a maneira como o protagonista desenvolve surtos seguidos de alucinações, tanto auditivas quanto visuais, desorganizando sua representação da realidade e o levando muitas vezes a realizar atos agressivos, chegando até mesmo a cometer homicídios. Esses sintomas são característicos do transtorno psicótico, nos levando a crer já nos primeiros episódios a real estrutura psíquica desse personagem.

Nessa direção, Norma na tentativa de proteger seu filho de futuros esquecimentos e até mesmo de negar para si um possível adoecimento mental deste, muda-se de cidade, seis meses após a morte do seu marido, para White Pine Bay, localizada na costa do estado de Oregon; onde passa a administrar um Motel à beira da estrada. Todavia, pensar sobre a circunstância de estar à beira de algo, remete a uma idealização de limite, podendo ser percebido

nesse contexto como um próprio modo de tentar “dar limite” (grifo nosso) às fronteiras do adoecimento psíquico de Norman.

Partindo da compreensão de mudança, enquanto tentativa de recomeçar a vida, alerta-se para o fato de que, a cidade escolhida para nova moradia é situada no interior. Argumenta-se com base nisso o conceito de significante de Lacan para tentar entender questões que a escolha dessa mudança possa remeter, visto que para ele “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1960/1998, p. 833). Desse modo, o interior pode ser visto tanto como um lugar situado nas mediações mais internas de um estado ou país, como o próprio interior do ser. Mudar para o interior poderia ser percebido como mudar o interior e desse modo, se mudar por inteiro.

White Pine Bay é apresentada como um lugar pacato em pessoas sobrevivem da produção de queijos artesanais e fazendas orgânicas de porcos, se encontrando em festas populares e conhecendo uns aos outros, porém sua economia principal é voltada para o tráfico de produtos ilegais, como por exemplo, a maconha. Compreende-se então, que apesar da cidade estar rodeada de policiais, não há necessariamente uma lei, pois até mesmo as autoridades locais acabam por se envolver em práticas consideradas ilícitas.

Fica claro ainda que a ausência de lei esteja para além da escolha da cidade, aparecendo nos demais contextos dessa relação, visto que Norman e Norma se colocam constantemente nesse lugar de foras da lei. A partir da análise desse vínculo mãe-filho, é perceptível que não houve um corte ou algo que remetesse a ideia de ordem, havendo assim uma falha nessa separação. É importante alertar para o fato de que segundo Lustoza e Calazans (2010) esses acontecimentos são realizados de modo inconsciente pelo sujeito, ou seja, diante do caso investigado, é como se Norma não tivesse dado espaço para que mais nada ou ninguém pudesse interferir no convívio entre ela e seu filho, permanecendo em uma união simbiótica.

Sendo assim, Norman acaba por se tornar refém dos desejos de sua mãe, pois ainda que ele consiga realizar objeções ao querer dela, acaba por vivenciar apagões, fazendo com que a mesma esteja presente em todas as suas escolhas. A partir da definição de “foraclusão” (grifo nosso) trazida por Lacan no texto de Lacet (2004),

entende-se que não houve um corte nessa relação e que, desse modo, o fracasso resulta na construção da estrutura psicótica de Norman, fazendo com que ele não consiga se perceber enquanto um ser de identidade constituída, se colocando enquanto uma extensão de sua mãe.

Vale ressaltar que apesar de não termos propriedade para relatar sobre a infância de Norman, pois as cenas que se mostram nessa circunstância não são suficientes para formamos uma compreensão; seu comportamento enquanto adolescente/adulto é considerável para a possibilidade de um diagnóstico com traços de psicose.

Norma Bates

Assim como o próprio nome já diz, Norma segundo o Dicionário Online de Português (2009) é o “princípio que serve de regra, de lei/ Modelo, exemplo a ser seguido”. A partir da comparação entre o nome da personagem e sua definição podem ser percebidos alguns traços de sua personalidade, visto que, a protagonista demonstra sentir-se segura e confiante de que pode obter tudo o que quer, mesmo que para isso precise estar acima de uma lei, sendo este um fato que pode ser analisado em quase todas as suas atitudes. Pode-se dizer assim, que Norma se coloca aparentemente, como um modelo a ser seguido, principalmente por seu filho mais novo, apresentando-se enquanto lei na vida dele.

Zimerman (2009) destaca características comuns à estrutura de personalidade histérica que condizem muito com o modo como essa personagem se coloca, desse modo, podemos destacar: baixa tolerância às frustrações e a críticas, necessidade em ser reconhecida e amada, utilizando-se do corpo para seduzir o seu objeto de desejo, grande irritabilidade, desempenhando com facilidade dramatizações e nesse contexto, conseguindo chamar bastante atenção para si. O autor ainda pontua que para pessoas com essa estrutura “não lhes basta ter o amor da pessoa amada, pois exigem ser o centro da vida dessa pessoa, daí a comum intercorrência de brigas motivadas por inveja e ciúmes” (ZIMERMAN, 2009, p. 317).

Diante do contexto da série analisada, esse é um comportamento bastante claro entre a personagem e seu filho mais novo, sobre o qual assume e direciona o roteiro da vida, não deixando que este possa se colocar enquanto sujeito de desejos e não abrindo espaço para que ele

consiga estabelecer outros vínculos ou até mesmo realizar atividades em que ela não esteja presente, como por exemplo, ir a uma festa com amigos da escola ou simplesmente participar de práticas esportivas.

Esses comportamentos são apresentados de modo bem excessivo, havendo a possibilidade de serem responsáveis por contribuir com o adoecimento mental de Norman. Referente a isso, destaca-se Lima Filho (2012) ao pontuar que para Lacan, a função materna pode ser entendida como elemento estruturador ou desestruturador do sujeito. Isso porque, é a mãe quem decide se poderá ou não entrar algo que remeta ao rompimento dessa relação.

Outro fato importante a ser observado é que, Norman e Norma, na grande maioria das vezes, se encontram no espaço da cozinha, utilizando-se dele em grande parte das cenas em que estão na casa ou simplesmente aparecem juntos. Podemos remeter esse fato à ideia de que, ao nascer o filho passa por sua primeira experiência de separação, pois se desgruda da placenta de sua mãe. Contudo, no desmame, a criança revive essa experiência de perda sentida no nascimento. Desse modo, o sujeito se angustia e se aproxima da experiência do desejo a partir dessa falta. Esses argumentos podem ser comparados ao fato de que, para algumas pessoas fixadas na fase oral, o sujeito, ao invés de desejar, se prende na demanda da alimentação, encorando na comida, um modo de saturar sua falta pela demanda (CAMPOS et al., 2012).

Entretanto, nota-se a necessidade de entender o contexto de vida de Norma, para a partir disso interpretar seu comportamento diante da relação com seu filho, cabendo salientar também, que essa análise não será realizada no intuito de justificar as atitudes da mesma, mas sim de compreender o porquê de alguns acontecimentos. Nesse sentido, alerta-se primeiramente para o fato de que, a personagem encontra na infância, o primeiro contato com o transtorno mental, diante de sua mãe. Porém, assim como busca negar o adoecimento do seu filho; a enfermidade da mãe é um fato omitido em todo o contexto da série pela personagem, sendo apenas apresentado na quinta e última temporada por seu irmão Caleb.

Todavia, não se sabe até que ponto esta se colocou como cuidadora ou não da mãe, tendo em vista que todas as cenas que se remetem as suas lembranças da infância, o foco é direcionado para o sofrimento ao presenciar brigas e discussões entre seus pais. No entanto, sabe-se que “o processo de doença para além de afetar o

indivíduo na sua dimensão holística e para além das implicações individuais, acarreta igualmente instabilidade à célula familiar”. (DINIS; RODRIGUES-FERREIRA; CARVALHO, 2014 p. 60).

Nesse sentido, ficam implícitos quais tipos de sentimentos ou experiências o transtorno da mãe pode ter implicado, não deixando claro se este é um fato que foi recalçado pela protagonista, ou se simplesmente ela não queria falar sobre. O que se sabe ao certo é que, Norma busca negar até o último momento que essa situação pôde ter se repetido em seu filho, fazendo com que ela demonstre impotência diante das especificidades do transtorno e trate Norman com base em uma superproteção, não acreditando em sua autonomia e não sabendo lidar com suas limitações.

Ainda sobre a infância de Norma, pode-se compreender que esse é um período marcado por sua relação com Caleb (irmão da protagonista), sobre o qual conseguiu encontrar refúgio diante das discussões de seus pais. Entretanto, essa relação acaba por se transformar em algo muito além de um amor fraternal, tendo em vista que até mesmo Norma assume, em dado momento, que já se sentiu apaixonada pelo irmão. Por outro lado, é levantado que em certo momento a protagonista decide não mais manter relação com seu irmão, que acaba por abusá-la sexualmente, não aceitando um fim deste vínculo incestuoso.

Norman Bates

Norman Bates foge à ideia que normalmente se estabelece de um adolescente com 17 anos, levando em consideração sua timidez e o pouco contato social com outras pessoas além de sua mãe. Percebe-se, contudo, que este comportamento se apresenta muito mais como uma tentativa de reafirmar e aceitar as escolhas realizadas por ela, do que de fato se colocando como um reflexo de seus próprios desejos.

As cenas que se remetem a infância do protagonista são marcadas pela figura materna enquanto uma presença de extremo afeto e companheirismo. Segundo Farias e Lima (2004), para Freud a criança tem a mãe como primeiro objeto amoroso, sendo os meninos, aqueles que continuam com esse sentimento, observando a figura paterna como um rival.

Em relação às questões levantadas

anteriormente, se comparadas com o modo de comportamento de Norman, fica claro que de fato ele pode ser entendido como aquilo que faltava em sua mãe, sendo por assim dizer o próprio falo dela. “Não há saída para a especularidade, pois a mãe, com sua certeza psicótica não decodifica nada, fixa a criança neste lugar de objeto sem corpo próprio, não há diferenciação. O corpo do bebê é o corpo da mãe”. (MOHR, 2012, p. 31). Esse fato pode ainda ser confrontado com a idealização de mãe fálica, no sentido de quê, apesar de se colocar enquanto lei, essa protagonista se sente, de certo modo, incompleta diante da ausência de seu filho. Ainda de acordo com Farias e Lima (2004), Lacan acredita que o falo seria o significante da falta, sendo este um objeto perdido. Nesse contexto, a mãe entende a criança como uma solução para suas faltas.

Diante dos prejuízos percebidos no comportamento de Norman, fica claro que de fato houve falha na separação com sua mãe, acarretando assim diversas outras questões. Segundo Fink (1988), a partir do fracasso na entrada da lei, ou seja, a partir da floraclusão, o sujeito não consegue se colocar no lugar de objeto de desejo, tendo em vista que, já que não houve o corte da ligação simbiótica mãe-bebê, não haverá falta e consecutivamente desejo.

Com base nessa teoria podem ser compreendidos certos comportamentos de Norman frente à dificuldade em saber lidar com suas próprias vontades. Nesse contexto há sempre a renúncia dele para com suas aspirações, sobressaindo-se assim as necessidades de sua mãe.

Vale ressaltar também que o elo entre mãe-filho é tão presente nessa relação, que em certos momentos há a impressão de que eles são um casal de namorados, além disso, quando os surtos do protagonista começam a aparecer de modo mais evidente, sendo ressaltadas as características da doença, Norman começa a acreditar que é a própria figura da mãe, vestindo-se com suas roupas e imitando seu jeito de ser e falar.

Podemos remeter esse comportamento à compreensão de que, na psicose, a mãe e o bebê permanecem em uma relação simbiótica, onde a criança se identifica como uma extensão de sua mãe. Sendo assim, esse sentimento de que não se constituiu enquanto uma identidade fixa acaba por permear o sujeito enquanto uma constituição de seu eu (FINK, 1998). Norman se coloca não só no fato de sentir dificuldade em realizar escolhas,

pois precisa que esse Outro decida por si, bem como, acaba por acreditar ser sua mãe, seja nos momentos em que se veste dela ou em períodos de surto, aonde em algumas vezes chega a cometer homicídios, acreditando terem sido realizados por sua mãe.

Deve-se levar em consideração ainda o contexto familiar ao qual o protagonista encontrava-se inserido. Lamanno-adamo (1999) pontua que para Winnicot e Bion existe grande importância na existência de um ambiente facilitador para o desenvolvimento da imagem corporal da criança. Desse modo, um ambiente que não contribua para o avanço do sujeito, pode auxiliar na desintegração de seu ego. Analisando as poucas cenas em que se remetem a lembrança do pai de Norma, ficam bem evidentes perturbações encontradas no contexto familiar, levando em consideração que este homem carregava grande sofrimento e dependência do álcool.

Volpi (2008, p. 1) acredita que “os mecanismos de defesa são ações psicológicas que tem por finalidade, reduzir qualquer manifestação que pode colocar em perigo a integridade do Ego”, sendo assim esses mecanismos podem ser percebidos em qualquer indivíduo considerado saudável, porém em seu excesso podem indicar sintomas neuróticos ou psicóticos. A partir dessa compreensão, observa-se que comportamentos apresentados por Norman, principalmente no fato de não conseguir lembrar-se dos momentos em que se encontrava em crise, ou até mesmo fatos marcantes de sua infância, podem ser percebidos como um modo de se proteger de sentimentos que seriam difíceis de suportar.

Ainda segundo este autor “o tempo no inconsciente não é cronológico, é algo vivo” (PAIVA, 2011, p. 234), diante disso, as questões lembradas e até mesmo repetidas por Norma se colocam enquanto um sofrimento presente e intenso, atualizando suas emoções. Além disso, durante toda a série é percebido o medo em relacionar-se com outras mulheres, especialmente quando o contato se voltava para a ideia de relação sexual, pois, assim como havia uma proibição muito forte por parte de sua mãe, salientando que o sexo é algo sujo, há também questões vinculadas a sua própria infância.

Envergonhar-se de pensamentos ou atividades sexuais, levando o protagonista a aniquilar alguns personagens com que se envolve nesse sentido, como por exemplo, a professora, pode ser entendido como um modo de atuação frente ao sentimento que o deteve na cena em

que, enquanto criança, segura a mão de sua mãe embaixo da cama (momento em que em dado período da série consegue recordar, onde seu genitor abusava sexualmente de sua mãe). Sendo assim, ao invés de recordar o acontecimento, o sujeito se utiliza de resistências.

Ainda sobre essa temática, podemos destacar o fato de que, já a partir da primeira temporada, Norman passa a empalhar animais como forma de lazer ou distração. De acordo com o Dicionário Online (2009), essa atividade também é denominada de Taxidermia, palavra de origem grega que significa “dar forma à pele” (grifo nosso), utilizando-se de animais mortos que são trabalhados a fim de reconstruir suas características físicas.

Diante desse contexto, é válido ressaltar a ideia de corpo fragmentado nas psicoses, trazida por Lacan (2008) ao ressaltar que o sujeito se coloca em um lugar de continuação do outro, ou seja, não consegue se perceber enquanto uma identidade formada, pois, como não houve falta na sua relação com a mãe, este acaba por estar sempre na dependência do outro.

“Dar forma à pele” (grifo nosso) trazida enquanto tradução da prática vivenciada por Norman como forma de distração ou momento de lazer, é de certo modo, uma maneira de re-significar ou até mesmo construir representações daquilo que ele gostaria de ser. Dedicar-se ao contato com animais mortos, a fim de transformá-los em arte ou reconstruir algo que já parecia perdido, diz muito sobre o seu próprio modo de ser e principalmente, destacam aquilo que busca ser encoberto enquanto desejo do protagonista.

Vale ressaltar que isso é algo que vai de encontro às recomendações de sua mãe, pois ela se mostra insatisfeita diante da prática de seu filho. Todavia, esse comportamento pode ser compreendido como um modo de dizer a si mesmo que se sente morto, diante das imposições e da relação materna, querendo ainda ser lapidado e trabalhado, a fim de contemplar-se em um novo corpo.

Mais uma vez é possível trazer o corpo como uma atuação desse sujeito, levando em consideração que, ao querer contemplar-se em um novo corpo, Norman acaba por se colocar no lugar dessa mãe em vários momentos que se encontra em surto. Nessas situações é comum o adolescente apropriar-se das vestimentas de Norma, acreditando de fato ser ela. Além disso, fica claro que sintomas como alucinações e delírios se mostram

muito mais atuantes à medida que Norma vai aos poucos se desprendendo de seu filho. Precisar lidar com a separação materna é algo insuportável para a vida desse adolescente.

Em dado momento da série, Norma compreende a necessidade de um acompanhamento médico para seu filho, internando-o, todavia, encontrar-se sem esta mãe é de fato algo insustentável para Norman, que acaba por se apresentar-se de modo muito mais agressivo, lidando com constantes delírios, alucinações e crises contínuas.

Esses sintomas se tornam cada vez mais latentes quando é percebido outra pessoa entrando nessa relação (mãe e filho). É evidente que durante todo o contexto da série, Norma se depara com vários relacionamentos e com homens que se colocam no lugar de parceiros afetivos e sexuais. Contudo, o xerife Romêro é entendido por Norman como uma ameaça, justamente por ser o único que entra de fato como uma lei nessa relação, fazendo com que Norma se perceba amada e queira construir um novo contexto de relacionamento.

Na angústia e própria busca por não ser aniquilado e esquecido por essa mãe, Norman acaba por matá-la, no momento em que ambos se deitam para dormir sobre a mesma cama. Zimmerman (2009) destaca primitivos mecanismos psíquicos que para Klein acompanham o bebê desde o nascimento e são comuns em estruturas de personalidade neurótica e psicótica. Evidencia-se assim a angústia de aniquilamento, observando as pulsões agressivas por fantasias inconscientes de ataques sádicos, fazendo com que o sujeito acredite que seria aniquilado, acabava por destruir este outro.

De acordo com Riguini (2005, p. 154) “A passagem ao ato é uma das formas de estabilização na psicose isoladas por Lacan”. Percebe-se assim que possivelmente houve uma tentativa de realizar uma castração real nesse objeto, ou no caso, na sua própria mãe. Norman realiza o ato de matá-la numa tentativa de se proteger ou até mesmo defender-se de uma possível separação. Além disso, vale destacar que, ao cometer o crime, Norman também tenta se matar no sentido de conseguir continuar nessa relação que só tinha espaço para dois.

Diante dessa morte, Norman se depara com a falta do Outro a partir de um enorme sentimento de desamparo, não conseguindo lidar com esse corte e

afetando ainda mais sua condição psíquica. Nesse contexto, o protagonista passa a adentrar-se em questões do seu inconsciente, acreditando que o morrer da mãe é apenas uma farsa para distanciar-se das demais pessoas e poder viver apenas para nutrir essa relação junto a ele. Lacan (1985) traz a definição de “inconsciente à céu aberto” (grifo nosso), acreditando que o sujeito, na psicose, não consegue censurar as suas próprias fantasias, tento em vista que nesse contexto o significante e o significado acabam sendo a mesma coisa e fazendo com que o sujeito esteja desprotegido de qualquer desejo.

A partir desse sentimento, Norman passa a viver com a imagem da sua mãe, acreditando que essas alucinações fazem parte da realidade. Sobral (2006) afirma que para o psicótico “a palavra e a coisa são uma só”, acrescentando ainda que nestes, “o significante se materializa” (SOBRAL, 2006, p. 2482). Ao longo dos episódios aquela imagem vai se tornando tão real para o personagem, que acaba gerando certa dúvida sobre sua existência, até para quem assisti a série. Esse fato deixa ainda mais evidente que o que ele gostaria na verdade era a finitude de Norma para as demais pessoas com quem ela convivia, mas não para si mesmo.

Desse modo, compreende-se que a constituição psíquica de Norman foi estabelecida a partir da relação com sua mãe, pois a função paterna não conseguiu instaurar a falta ou a castração. A imagem corporal de Norman é então compreendida a partir da ideia que o personagem tem do corpo de sua mãe, buscando sempre comportar-se a partir dos comandos desta ou até mesmo se perceber diante desse corpo do Outro, sentindo-se preenchido a partir disso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu do seguinte questionamento: Qual a influência da relação materna na construção da estrutura dos sujeitos? Com base nos estudos sobre a teoria psicanalítica e a partir das discussões levantadas ao longo do trabalho, foi possível perceber que as relações parentais direcionam de modo claro o contexto da estrutura de personalidade. Sendo assim, nota-se que tanto a ausência, quanto o excesso de afeto dos significantes materno/paterno pode ser diretivos para desencadear o sofrimento psíquico, estabelecendo-se enquanto características da personalidade do indivíduo,

que o acompanharão durante toda sua vida.

Com base nessas observações, é perceptível que as relações maternas podem sim serem constitutivas enquanto estruturadoras/desestruturadoras do sujeito. Fica claro que o adoecimento psíquico de Norman possivelmente é resultado do modo como sua mãe se colocou diante dessa relação, não permitindo a entrada de um significante paterno, além de não saber como lidar com as limitações do seu filho, buscando negar seu adoecimento e consecutivamente prejudicando as possibilidades de uma melhoria.

Todavia é percebido, para além disso, que o comportamento de Norma também é resultado da sua relação com seus pais, levando em consideração que ao vivenciar uma infância conturbada diante da relação parental, a mesma se coloca em uma situação de extrema proteção para com seu filho, na busca de que não sejam repetidos por ele os mesmos sofrimentos que ela vivenciou. Sendo assim, pode ser observada a dificuldade

em colocar limites nesse vínculo, tendo em vista que, Norman acaba se apresentando enquanto a primeira referência sobre o qual a protagonista sente-se protegida, ao mesmo tempo em que protege.

Desse modo, construir planos de possibilidades a partir de um contexto cinematográfico é de certo modo se perceber enquanto perspectiva de ação, pois agimos de acordo com nossas questões inconscientes, sem nos darmos conta da quantidade de coisas que carregamos e consecutivamente repetimos a partir de movimentos que de algum modo foram recalçados. Caminhar junto à série é de fato poder perceber que cada ser carrega consigo sua própria história de modo bem singular. É refletir-se no contexto da clínica compreendendo que a demanda trazida é muito maior do que o sintoma e observar que por vezes, lidamos com uma situação a partir unicamente de um olhar, quando na verdade a historicidade daquele fato vai muito além do que se pode ser visto.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, S., FERREIRA, R. A., CUNHA, C. F., & BRAUN, L. (2012). Comida: Semblante do objeto A. **Psicologia em Revista** (Belo Horizonte), 18(1), 28- 40. doi: 10.5752/P.1678-9563.2012V18N1P28.

DICIO. Dicionário Online de Português. 2009.

DINIS, Catarina; RODRIGUES-FERREIRA, Teresa; CARVALHO, José Carlos. Familiar cuidador da pessoa com psicose: satisfação na prestação de cuidados. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, n. SPE1, p. 59-64, 2014.

FARIAS, C. N. F., & LIMA, G. G. (2004). A Relação Mãe-Criança: Esboço de um Percurso na Teoria Psicanalítica. **Estilos da Clínica**, 9 (16), 12-27.

FINK, Bruce. O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**, 1998.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 12, p. 207-221, 1915.

_____, (1930). O mal-estar na civilização. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, S. (1914) Repetir, Recordar e Elaborar. In. **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, s/d. CDROM.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu (01) tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. **Comunicação feita ao XI Congresso Internacional de Psicanálise**. Zurique, 17 de julho de 1949.

LACAN, Jacques. O Seminário: livro 3: as psicoses (1955-56); texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar Editor**, 2008.

_____, Jacques. O Seminário: livro 3: as psicoses (1955-56); texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão

brasileira de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACET, Cristine. Da forclusão do Nome-do-Pai à forclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan. **Psicologia USP**, v. 15, n. 1-2, p. 243-262, 2004.

LAMANNO-ADAMO, V. L. C. (1999). Violência doméstica: uma contribuição da Psicanálise. *Ciência e Saúde Coletiva*, 4 (1), 153-159.

LIMA FILHO, Ivo de Andrade. Produção discursiva nas psicoses. Recife: **editora Universitária da UFPE**, 2012.

MINAYO, M.C.S. & SANCHES, O. (1993) Quantitativo – Qualitativo: Oposição ou complementaridade. **Cad. Saúde pública Rio de Janeiro**, 9 (3): pp. 239-248, jul/sep.

MOHR, Priscila Hermes. A imagem do corpo na psicose. **Ijuí**, Rio de Janeiro. 2012.

PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. Recalque e repressão: uma discussão teórica ilustrada por um filme. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 2, n. 2, p. 229-241, 2011.

RIGUINI, Renata Damiano. Da passagem ao ato à transferência: duas soluções em um caso de psicose. **Psychê**, v. 9, n. 16, 2005.

SOBRAL, Paula Oliveira. O funcionamento do significante na psicose e sua relação com a escrita. **XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio de Internacional de Letras e Linguística**, Uberlândia, p. 2480-2484, 2006.

VIANA, Gerardo Valdisio Rodrigues; PEREIRA, Eliéser Sales. O método indutivo. **Rev. Cient. Fac. Lour. Filho** – v.5, n.1, 2007.

VOLPI, J.H. Mecanismos de defesa. **Artigo do curso de especialização em Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008

ZIMERMAN, David E. Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão. Porto Alegre: **Artmed Editora**, 2009.